

APRESENTAÇÃO

Revista *Línguas & Letras* - Vol. 15, n° 29

(2° semestre de 2014)

"[...] as fronteiras, antes de serem marcos físicos ou naturais, são, sobretudo simbólicas. São marcos, sim, mas sobretudo de referência mental que guiam a percepção da realidade. [...], são produtos desta capacidade mágica de representar o mundo por um mundo paralelo de sinais por meio do qual os homens percebem e qualificam a si próprios, ao corpo social, ao espaço e ao próprio tempo". (PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Além das Fronteiras*. In: Martins, Maria Helena (Org.). *Fronteiras Culturais. Brasil-Uruguai-Argentina*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p.36).

O presente número da Revista *Línguas&Letras* organiza-se a partir do **Dossiê Temático "Literatura e Resistência em Contextos Fronteiriços"**, seguido da seção denominada **"Estudos Literários"**.

A temática do dossiê nos leva a refletir sobre produção artística e escrita literária em contextos fronteiriços, a partir do caráter móvel e transcendente das fronteiras, tal como observa Pesavento (2002), para quem "a fronteira é um limite sem limites, que aponta para um além", um conceito impregnado de mobilidade, para além da geopolítica. Tal reflexão pode ser compreendida, tomando como fundamentação os estudos de Deleuze e Guatarri (1995) sobre territorialização e desterritorialização como processos concomitantes, fundamentais para compreender as práticas humanas.

Pensar sobre literatura e resistência em contextos fronteiriços implica pensar em "fronteiras culturais", que por sua vez, contempla um sentido amplo e complexo porque implica na compreensão de dois outros importantes

conceitos: o de fronteira; e, o de cultura, sobretudo, no caráter plural do termo cultura.

Além disso, outros aspectos estão interligados à temática do dossiê, tais como sujeito, resistência, escritura, produção cultural e ensino no contexto da contemporaneidade, fato que permite um amplo escopo de análises provenientes das diversas áreas do conhecimento.

Assim, o tema deste dossiê apresenta para esta edição, importantes contribuições de autores que colaboraram para a atualização desta discussão.

Paulo Bungart Neto analisa diversos aspectos relacionados aos textos memorialísticos dos exilados pela ditadura militar brasileira (1964-1985), sobretudo o "efeito dominó" das narrativas sobre a resistência, a intertextualidade entre essas obras e o papel do exilado na tentativa de construção de uma revolução que ultrapassasse os limites nacionais.

Ximena Antonia Diaz Merino reflete sobre o processo imagético na obra de Pablo Neruda, observando como este é construído através da criação de imagens resultantes do resgate das experiências de vida guardadas na memória. Neste processo criativo o mundo imagético de Neruda faz uma forte referência aos elementos da natureza de Temuco, cenário cotidiano de sua infância e adolescência, constituintes da paisagem que permaneceu em sua memória e se cristalizou em sua obra. A constatação de que na passagem da província para a capital Neruda não atinge emocionalmente seu destino final, permanecendo num longo estado de transição (limiar), permite apontar para o surgimento de um 'sujeito fronteiro' situado entre o universo provinciano e o universo urbano.

Os pesquisadores Paulo Sérgio Nolasco dos Santos e Josué Ferreira de Oliveira Júnior estudam a narrativa de *A Selva*, romance histórico do escritor luso-brasileiro José Maria Ferreira de Castro, publicado em Portugal, no ano de

1930. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos e Josué Ferreira de Oliveira Júnior observam que trata-se de um dos mais representativos relatos do seringal amazonense bem como sobre sua vinculação ao tema do regionalismo crítico, que justificam e fazem merecer o olhar contemporâneo, ainda mais pelo fato de evocar confluências entre história, literatura e memória enquanto lugares de resistência, deixando entrever vários contextos fronteiriços, na medida em que visa a relatar um dos mais vivos arquivos da historiografia brasileira e da região amazônica, em particular. Ainda, como várias outras narrativas similares do regionalismo brasileiro, A Selva guarda restrito interesse no âmbito dos estudos literários contemporâneos, o que tornam narrativas deste porte um dos mais produtivos e representativos objetos de análise no contexto das literaturas regionais e de fronteiras.

Silvio Ruiz Paradiso analisa que a partir da década de 60, houve na África uma onda maciça de processos de independência. Observa o autor que tais processos não significavam, efetivamente, processos de descolonização. Paradiso analisa na poesia africana lusófona a subserviência e a colonialidade nas letras de "Prelúdio" (1956), do cabo-verdiano Jorge Barbosa, e a resistência à colonização, com o angolano Viriato da Cruz, com o poema "MaKézú" (1961).

Na seção denominada **Estudos Literários** as reflexões sobre o literário são focalizadas pelos colaboradores deste número da revista, sob variados ângulos, seja pelo viés dos temas e motivos, seja pelo viés das interações entre literatura e diferentes campos do saber, colocando-se em diálogo com o tema do dossiê.

O texto de Helena Bonito Couto Pereira abre o diálogo na seção dos Estudos Literários desta edição. A pesquisadora, partir de breve retomada da história dos cursos de graduação em Letras no Brasil, discute as circunstâncias da consolidação dos estudos literários na universidade. Estão no centro dessa discussão as características de duas modalidades de crítica literária. A primeira delas, conhecida como impressionista, era publicada nos rodapés de jornais nas primeiras décadas do

século passado. A segunda, conhecida como crítica "de cátedra" (Rocha, 2011), ganhou corpo após a criação dos cursos de Letras, quando docentes universitários, então chamados de "catedráticos", passaram a publicar textos críticos com base em novas teorias, quase sempre assimiladas ou adaptadas do pensamento irradiado por outros países, como o new criticism, de origem norte-americana, ou mais tarde o estruturalismo, de origem europeia. Métodos e abordagens situavam-se em campos antagônicos, fato que se modificou mas não se extinguiu. Helena Bonito Couto Pereira reflete que em diferentes configurações, embates entre posturas antagônicas - por exemplo, entre a que privilegia componentes artísticos e a que supervaloriza componentes ideológicos - persistem até o presente, refletindo-se na pesquisa e no ensino de literatura.

Nos caminhos dos estudos literários, Elys Regina Zils estuda a obra de José María Arguedas, escritor peruano. Sua obra *El Zorro de arriba y el Zorro de abajo* é uma das mais originais e emblemáticas da literatura latino-americana. Como mediador cultural, Arguedas narra as mudanças ocorridas em Chimbote. Esse microcosmo babélico é reconhecido pelo leitor através da polifonia de vozes e registos dos seus personagens marginais. Sua tradução cultural se sobressai revelando a sua heterogeneidade.

O artigo de Andreia Alves Monteiro de Castro analisa, em perspectiva comparada, os registros do processo de modernização das cidades ocidentais na literatura do século XIX e início do XX. Ao realizar tal apreciação demonstra como certos escritores, ao representarem tamanhas transformações, convidavam os seus leitores a refletirem sobre esses acontecimentos.

Bianca do Rocio Vogler analisa a novela "A doce história fantástica", do romancista russo Fiódor Dostoiévski, utilizando-se dos conceitos teóricos abordados no texto "1874 - Três Novelas ou 'O que se Passou?'" (1996), que compõe o volume 3 da obra *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, dos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari. Esses conceitos podem ser acionados para a realização da abordagem da questão sobre as linhas de segmentaridade, as quais possibilitam que se

faça a observação das mudanças de estado ocorridas com as personagens em uma obra literária, das maneiras como empreendem movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização no desenvolvimento de tais linhas de segmentaridade.

O texto de Manoel Freire e Maria Clediane de Oliveira trazem importantes contribuições para a compreensão da obra de Marques Rebelo. Freire e Oliveira observam que o autor brasileiro adota como espaço privilegiado para ambientar suas narrativas as áreas suburbanas da cidade do Rio de Janeiro, escolhendo como protagonistas indivíduos que representam as classes menos favorecidas da sociedade. Estes personagens, dada a precariedade de sua condição, vivem em situação fronteira entre a ordem e a desordem, a oscilar entre esperança de e o desengano, ora vislumbrando a remota possibilidade de ascensão social, ora ameaçados pelo temor da miséria e da marginalidade.

Angela Maria Rubel Fanini e Carla Prado Vilela analisam como ocorre a formalização discursiva da linguagem e do trabalho na literatura, a partir da obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. As autoras consideram que a linguagem, corporificada no trabalho imaterial da escrita, tem um papel central na vida de Carolina Maria de Jesus, pois é por meio dela que a obra realiza uma denúncia social, possibilitando certa transcendência para a autora.

O artigo de Marcelo Almeida Peloggio procura mostrar como a atividade espiritual, ao tratar a memória como instrumento de denúncia, na obra *as Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, enfrenta o desafio de interagir com elementos que a podem fazer prisioneira de si mesma na seleção e aplicação de imagens no processo de criação literária; elementos como o automatismo carcerário, o egotismo e a adesão cega à realidade exterior.

Érica Alves Rossi observa que, filiados a um contexto literário em que Guimarães Rosa busca a reconciliação entre o "eu" e o universo sem rejeitar a consciência do fazer poético e a renovação da linguagem, os poemas do autor em *Ave*, Palavra aproximam-se do que Octavio Paz denominou de "poesia de convergência". Tal visão analógica metaforiza-se

nos poemas por meio do mito de Narciso e por imagens que associam o reflexo e o encontro do Outro como forma de conhecer a si mesmo.

O ensaio de Edson Costa Duarte tem como objetivo mostrar como, ao contrário do que Hilda Hilst afirmou em muitas entrevistas, sua literatura sempre teve espaço garantido na imprensa e tem sido cada vez mais estudada nos meios acadêmicos. O desejo de Hilst era ser popular, ser lida, daí a sua reiterada indignação, mas dez anos depois de sua morte, embora haja toda uma movimentação em torno de sua figura pública, o que pensamos é que seus textos nunca se popularizarão.

Cilene Margarete Pereira reflete que em "La mancata fortuna del romanzo italiano" (1995), Calvino discute as razões pelas quais o romance na Itália não se afirmara como gênero, contrapondo-o aos "destemidos e aventureiros" textos de outras literaturas. Depois de assegurar a paternidade do gênero na Itália a Manzoni, observa que faltara a este imbuir uma de suas fundamentais características: a aventura. A partir dessa constatação, Calvino pergunta como se daria, hoje, o romance de aventura italiano. O questionamento feito em meados da década de 1950 (o texto citado acima é de 1953) esboça uma resposta prática vinte e cinco anos mais tarde no romance *Se um viajante numa noite de inverno* (1979), no qual Calvino narra a "aventura" do Leitor que se lança num emaranhado de discursos romanescos que nunca se completam. Tal estratégia de sedução está associada à própria construção narrativa de Calvino, que parte da ideia de que o romance é "uma máquina concebida para contar uma história que fascine os seus leitores".

Bruno Silva Nogueira e Fani Miranda Tabak observam que as críticas feitas pelo escritor contemporâneo norte-americano David Foster Wallace às técnicas metaficcionais da literatura pós-moderna em sua obra não fictícia podem soar falsas ante a percepção de que o romance *Infinite Jest*, que é considerado sua obra prima, encontra na metaficção uma de suas principais linhas de força.

Antony Cardoso Bezerra estuda, a partir de uma investigação que considera informações históricas e biográfico-literárias, em contraste, a elaboração narrativa da mulher judia na novela "O Mundo Perdido", de Joaquim Paço d'Arcos, e no conto "Nasci com Passaporte de Turista", de Alves Redol; em ambos os textos, o ambiente representado é o da ascensão nazista na Alemanha da década de 1930 e o que desse processo resultou.

Desejamos a todos uma boa leitura, agradecemos aos autores que colaboraram com mais este volume da *Línguas&Letras* e esperamos que os textos aqui reunidos possam puxar outros fios na tessitura de novas pesquisas, diálogos e leituras que nos motivem, nos provoquem e nos permitam deslocamentos.

Antonio Donizeti da Cruz

Lourdes Kaminski Alves

Organizadores